

## BIBLIOTECAS ESCOLARES E INSTRUMENTOS DIGITAIS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UMA PESQUISA EM MARÍLIA-SP<sup>1</sup>

### SCHOOL LIBRARIES AND DIGITAL INSTRUMENT IN SCHOOL SPACES: A SEARCH IN MARÍLIA-SP

*Dagoberto Buim Arena<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O artigo relata pesquisa realizada com 15 professores e 45 alunos em três escolas de ensino municipal de Marília - SP, com o objetivo de mapear relações entre bibliotecas escolares, laboratórios de informática e dispositivos digitais. A investigação está vinculada a outros dois polos: um na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia e outro no Instituto Francês de Educação, em Lyon, França. As respostas foram obtidas por meio de perguntas previamente formuladas e registradas por bolsistas em situação de entrevista. O artigo inicialmente recupera projetos históricos franceses do final do século XIX com a intenção de estabelecer vínculos com a situação em 2012, no Brasil. Em seguida, apresenta e comenta os gráficos com dados obtidos. As conclusões indicam a ausência de organicidade nas relações entre bibliotecas e laboratórios de informática. Os dispositivos portáteis fora da escola são utilizados predominantemente para jogar e participar de sites de relacionamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bibliotecas escolares. Laboratórios de informática. Dispositivos digitais. Leitura. Séries iniciais.

**ABSTRACT:** The article reports on research conducted with fifteen teachers and forty-five students in three high schools municipal Marília - SP, with the goal of mapping relationships between school libraries, computer labs and digital devices. The investigation is linked to the other two poles: one in the Faculty of Education, Federal University of Uberlândia and another at the French Institute of Education, in Lyon, France. Responses were obtained through questions previously formulated and recorded by scholars in an interview situation. The article initially retrieves historical projects of French in the late nineteenth century with the intention of establishing linkages with the situation in 2012, in Brazil. It then presents and comments on the graphics with data. The findings indicate the absence of organicity in relations between libraries and computer labs. Handheld devices outside of school are predominantly used to play and participate in social networking sites.

**KEYWORDS:** School libraries. Computer labs. Digital devices. Reading. Early grades.

<sup>1</sup> Esta pesquisa obteve auxílio financeiro do CNPq/Edital Ciências Humanas.

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências Unesp - Marília. E-mail: arena@marilia.unesp.br

## Introdução

Em novembro de 2010, como parte das atividades acadêmicas de pós-doutorado que cumpria no Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas (INRP), em Lyon, França, participei de um colóquio cujo tema e título eram assaz inquietantes, porque propunham percursos históricos com pontos de chegada em construção e com direção para o futuro nas salas de aula e nas escolas. *A escrita do papel à tela* - era essa a temática e o nome muito sugestivos - deu a direção para manifestações de pesquisadores franceses interessados em analisar e prever o uso mais generalizado da escrita nas telas, especialmente em *tablets* e lousas digitais em escolas francesas. Ao fim do período de estágio - que coincidiu com a transformação do INRP em Instituto Francês de Educação (IFE), vinculado à Escola Normal Superior de Lyon - estabeleceu-se o compromisso de desenvolvimento de uma pesquisa compartilhada na área, entre uma pesquisadora, formadora de professores nessa instituição, e dois pesquisadores brasileiros, um da Faculdade de Educação da Universidade de Uberlândia, em Minas Gerais, e outro - esse que aqui escreve - da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, em Marília, no Estado de São Paulo.

O objetivo norteador da pesquisa em gestação seria o de coletar dados de professores e alunos e as situações de ensino e de aprendizagem da língua escrita nas relações entre três ambientes separados tanto pelo modelo arquitetônico de organização escolar, quanto pela dinâmica de seu funcionamento e das funções a eles destinadas: a sala de aula, a sala de informática e a biblioteca escolar. A perspectiva inicial de planejamento da pesquisa indicava que essa relação entre espaços e funções aparentemente distintas estaria sendo alterada pelo uso progressivo dos aparelhos interativos móveis como *notebooks*, *netbooks*, *tablets* e *celulares*.

Alguns dos dados obtidos são apresentados e comentados neste artigo, mas outros serão analisados em publicações futuras. Por ora, a intenção é a de analisar o uso do laboratório de informática e da biblioteca escolar com suas ferramentas e seus instrumentos de leitura e de escrita no âmbito das escolas de ensino fundamental, séries iniciais, na faixa etária de cinco a dez anos; analisar a organização e os modos de funcionamento das aulas de informática e da biblioteca escolar em três escolas em Marília - SP. Outras publicações cuidarão das escolas em Uberlândia - MG, e de Lyon, França com a intenção de apontar aspectos convergentes e divergentes entre os dois sistemas de ensino, os de dois municípios do Brasil, e o de escolas nacionais francesas, em Lyon, no que se refere ao uso do laboratório de informática e da biblioteca escolar para atos de escrita e de leitura.

## Metodologia

Para responder aos objetivos, entre os quais existem algumas ações de intervenção no cenário observado e pesquisado, medidas de natureza metodológica foram necessárias, entre elas, a elaboração de questionários. Foi definido, inicialmente, pela equipe de pesquisadores o perfil das escolas e dos sujeitos: três escolas que oferecessem ensino referente aos cinco primeiros anos da educação básica; um professor representante de cada ano oferecido pela escola; três alunos de uma classe representativa de cada ano. Assim concebida, a pesquisa contou, nas duas cidades brasileiras, com 15 professores em cada uma, e com 45 alunos na faixa etária entre cinco e dez anos de idade, presumivelmente. Foram elaboradas 53 questões endereçadas para alunos e 52 para docentes, algumas fechadas, próprias para tabulação precisa de dados percentuais e outras abertas, mas também possíveis de serem organizadas em gráficos por categorias. Essas questões, apesar de constarem de um questionário, foram feitas em situação de relação entre os entrevistados alunos e professores, e um entrevistador e, uma bolsista, que anotava as respostas fornecidas.

Neste artigo não serão apresentados gráficos ou comentários referentes a todas essas questões e a todas as cidades envolvidas. Cada pesquisador abordará diretamente a pesquisa realizada em seu universo, mas posteriormente, após a consolidação geral do banco de dados, artigos conjuntos darão análises comparativas, com o intuito de atender aos objetivos de promover o diálogo entre

pesquisadores e professores, de promover a internacionalização de pesquisas na área da apropriação da leitura, da escrita por meio de dispositivos portáteis como *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, e os variados tipos de celulares. Os dados aqui analisados terão como referência três escolas da rede municipal de Marília, São Paulo, indicadas pela Secretaria Municipal de Educação, representantes de três zonas periféricas, uma na zona norte, outra na zona sul e outra na zona oeste da cidade, perfazendo 15 professores e 45 alunos.

### Um pouco de história

Em meados de 1954, aos quatro anos de idade, vi chegar à pequena casa de madeira de meus pais, em uma pequena cidade do interior de São Paulo, um móvel diferente a que eles chamavam *biblioteca*. Comprado em segunda mão de um vizinho bancário, serviria para guardar os livros didáticos de meus irmãos, já no ginásio, mais os espíritos e os enviados por dirigentes do então clandestino partido comunista, lidos por minha mãe. Até 2012, 58 anos depois, a biblioteca com duas portas de vidro, corrediças, guarda alguns livros e outros objetos. Sempre me pareceu estranho dar o nome de biblioteca a um pequeno armário envidraçado. Para mim, que cresci em busca de leituras, a biblioteca era um grande espaço físico, com livros, mas a história das bibliotecas escolares em território francês me fez visitar pessoalmente o armário-biblioteca de minha casa e, virtualmente, os pequenos armários, de duas portas, estreitos, no fundo das salas de aula, nas escolas de minha infância.

Em 1860, as instruções ministeriais dirigidas às autoridades municipais francesas recomendavam a confecção e utilização de uma biblioteca-armário para que os livros e demais materiais impressos das escolas fossem abrigados e preservados (HÉBRARD, 2009). O projeto padrão já trazia as formas que eu encontraria na biblioteca usada, adquirida em 1954, no interior paulista:

na parte superior, com um ornamento simples, mas bem desenhado. As quatro bordas superpostas que compõem o batente superior podem ser envidraçadas ou fechadas com madeira. Cada um de nós terá reconhecido, nessa descrição, os antigos armários das salas de aula de nossa infância. (HÉBRARD, 2009, p. 8).

A estratégia do governo francês na época não se distancia das empregadas pelas autoridades francesas e brasileiras no século XXI, apesar de portar com pequenas alterações. Em vez de um armário, há estantes em um espaço maior, mas a organização e dinamização dos livros são ainda de responsabilidade do professor. Em 1860, havia um anúncio das políticas públicas cujas medidas se estenderiam até o século XXI, tanto na França, quanto no Brasil. Essas medidas legais atribuíam ao professor a função de se tornar, concomitantemente, bibliotecário não só da escola, mas de toda a comunidade:

Confiando a professores primários o cuidado com a educação de adultos por meio do livro, Gustave Rouland quis agir rápido e com menos custos. Pensava evitar a criação de um corpo especializado de bibliotecários. Ora, os professores, apesar dos esforços despendidos nas Escolas Normais, parecem não ter tido nem o gosto nem as competências necessárias para levar a efeito a missão delicada que lhes havia sido confiada. Pior, foram, sem saber, o obstáculo mais eficaz à organização da profissão de bibliotecário na França (HÉBRARD, 2009, p. 19).

Essa situação, a de usar o professor, principalmente os acometidos de doenças profissionais, continua no centro dos debates em encontros da área no século XXI. Não se trata, como apontam todas as pesquisas, de natureza histórica, como a de Hébrard (2009), ou as dirigidas aos sistemas atuais, de negar a necessidade de um bibliotecário, atualmente investido também nas funções de mediador do ato de ler em suportes múltiplos, como os digitais. A decisão foi e continua sendo, ainda em 2012, determinada pelo caráter econômico de organização da cultura. Serão apresentados

nos próximos tópicos dados vinculados à organização das escolas, dos professores e dos alunos.

### **Análise dos dados obtidos com professores**

Inicialmente serão apresentados dados produzidos pelas respostas de professores, especificamente os que mantêm estreito vínculo com as seguintes temáticas: 1. Utilização de bibliotecas escolares; 2. Utilização de laboratórios de informática; 3. Utilização de aparelhos portáteis ou fixos; 4. Presença e uso dos dispositivos digitais na vida de professores e alunos.

### **Sobre bibliotecas**

As escolas de ensino fundamental da rede municipal de Marília apresentam, em sua configuração, uma sala destinada à biblioteca, com estantes, mobiliário próprio, livros e materiais pedagógicos de natureza diversa, e um espaço específico, em sala separada, climatizada, com 20 computadores e mobiliário próprio, destinado para as aulas que utilizam um conjunto de softwares chamado *visual class* de uma empresa especializada em *softwares* educacionais. As bibliotecas não possuem funcionários específicos para a sua organização e para empréstimos de livros, exceto em alguns casos, como mostram os dados, em que há um funcionário ou professor que eventualmente pode exercer a função, situação semelhante ao modo como funcionam quase todas as escolas das redes escolares públicas no Brasil. Na história escolar francesa essa situação já era conhecida.

Em 1886, na França, o ministro René Globet, sucessor de Jules Ferry na condução da educação francesa, escreve recomendação aos professores, considerados por ele bibliotecários naturais, a respeito do controle sobre as leituras dos alunos. Apesar de abordar o controle de leitura, é interessante destacar a consolidação do professor na função de bibliotecário. Atualmente, apesar de toda formação existente na área, essas funções continuam hibridizadas:

Localizados na escola, conservados e mantidos pelo professor primário, o bibliotecário natural [as bibliotecas populares das escolas] se endereçam de forma mais particular às crianças e, por isso, é necessário que sua composição seja escrupulosamente fiscalizada. (GLOBET, apud HÉBRARD, 2009, p. 68).

O trabalho do professor não se distinguia do trabalho do bibliotecário, nem do encadernador, porque, como afirma Hébrard (2009) para fazer os livros durar mais tempo havia nas escolas primárias ateliês de encadernação a fim de ensinar cada professor primário a manutenção da obras.

Se a função docente se dilui com a do bibliotecário, no laboratório de informática as funções são distintas: há um técnico designado para orientar professores e alunos e para fazer a manutenção do funcionamento das máquinas. Com o intuito de estimular todos os docentes a levar seus alunos à biblioteca, sem a presença de bibliotecários ou outro funcionário, as escolas programam, para cada turma, uma visita semanal, durante uma hora. A mesma medida se dá com as aulas das salas de informática: a cada classe é dedicada, na programação geral, uma hora para desenvolver as atividades dos *softwares* previamente preparadas. Convém destacar, ainda, que em uma das escolas, a sala da biblioteca estava sendo utilizada como sala de aula, em virtude da falta de espaço para atender a demanda de alunos. É no interior desse cenário que alunos e professores responderam às perguntas dos questionários desta pesquisa.

Todos os professores disseram que havia um espaço com livros na escola a que chamavam biblioteca, mas sua utilização e funcionamento não se aproximavam plenamente de suas idealizações. Por essa razão, e em consideração à descrição já feita, 17% dos docentes disseram não haver responsáveis diretos por elas, enquanto 73% reconhecem a existência de pessoas nessa função, 82% das quais sem formação superior. Apesar de haver um espaço destinado à relação entre alunos, professores, livros e outros materiais de leitura, com mobiliário próprio de bibliotecas,

80% dos docentes não podem dirigir-se a esse espaço de acordo com seus planos, porque em uma das escolas ela funciona como sala de aula, enquanto nos demais há um horário, de uma hora, organizado por escalas. Se, por um lado, a programação pode inibir idas frequentes de professores, por outro a medida, aparentemente administrativa e restritiva, revela seu caráter organizacional e pedagógico, porque ela encaminha professores pouco interessados em livros e leitura a colocar, de algum modo, seus alunos em um dos mais antigos e nobres dos espaços das escolas. Por outro lado, por ser um espaço que deve ser compartilhado por centenas de alunos, há razões para planejamento dos horários de acesso.

Independente do horário programado, o professor, entretanto, pode visitar a biblioteca a fim de selecionar livros, materiais, mas nem todos incluem essa tarefa em sua preparação de aulas. Apenas 60% dizem visitá-la, pelo menos uma vez por semana, acompanhados por seus alunos; 20% vão duas vezes e 7% três vezes, mas sem alunos. A razão da baixa frequência não está na desvalorização da biblioteca. Há que se considerar aqui, todavia, que em uma das escolas, a entrada nesse espaço traria incômodos ao professor que o ocupa com seus alunos permanentemente.

As visitas, com alunos ou não, têm finalidades diversas: 30% dos professores emprestam livros; 18% emprestam revistas, 14% vídeos, 16% dicionários, 12% mapas e 10% jornais. Os dados percentuais não indicam ações excludentes, mas as predominantes. Deste modo, é interessante destacar a leitura de jornais, mesmo com apenas 10%, que com as revistas compõem o índice expressivo de 28%, muito próximo dos 30% de empréstimos de livros.

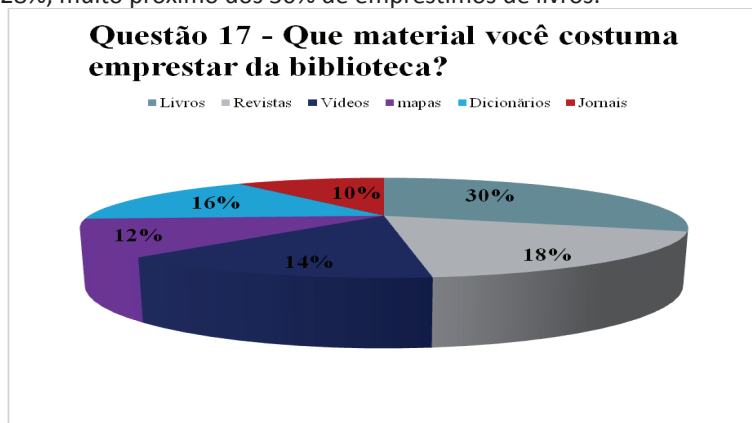


FIGURA 1. Empréstimo em bibliotecas

A respeito do acesso aos computadores na escola, 33% gostariam de que fosse livre o acesso, sem horários programados; 33% gostariam de que houvesse espaço exclusivo, sem que fosse utilizado eventualmente pra outras finalidades; 17% lembraram-se de que seria importante a presença de um profissional formado em biblioteconomia, 6% gostariam de que fosse aberta à comunidade e 11% não deram nenhuma sugestão para o aprimoramento de suas funções. Essa pergunta, aberta, tinha a intenção de coletar dados sobre o funcionamento idealizado da biblioteca das escolas. Apesar de todos afirmarem não haver computadores no espaço biblioteca, nenhum docente sugeriu que ali eles pudessem ser instalados. Há, aparentemente, a concordância com a separação costumeira existente nas escolas entre livros e computadores, portanto, uma separação entre leitores e internautas, ou ainda, entre leitores de telas e leitores de textos em papel.

Uma das perguntas do questionário buscava saber quais atividades os professores desenvolviam nesse espaço, predominantemente, com seus alunos. 27% dos docentes usam os espaços da biblioteca para discutir livros lidos em Rodas de Leitura; 13% usam para as sessões de contação de histórias; 13% somente para empréstimos, 27% deixam que os alunos procurem livros e os leiam livremente; 7% levam os alunos pra pesquisar algum assunto, e 13% nada programam. Esses

dados podem sugerir algumas hipóteses: as ações não são, obviamente, excludentes; predominam, no planejamento do docente, umas em relação às demais, mas há 13% que não usam ou não podem estabelecer relações entre adultos, crianças e livros no espaço destinado previamente à biblioteca escolar.

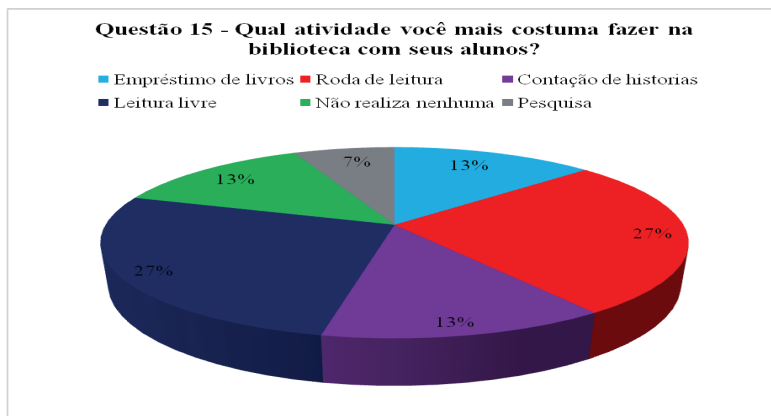


FIGURA 2. Atividades realizadas na biblioteca

Há queixas em relação à ausência de materiais, como em qualquer biblioteca escolar: enquanto 22% reclamam que faltam jornais, 17% gostariam de que houvesse maior oferta de gibis, 5% pediram revistas; 28% afirmaram que é preciso maior quantidade de exemplares e títulos de livros. 4% por outro lado, pensaram em mobiliário mais adequado; 5% sentem a falta de um tapete para que as crianças ouçam histórias e 2% reclamam das prateleiras altas. 17% não sugerem melhoria alguma, nem em relação ao funcionamento, nem ao acervo, nem ao mobiliário, nem à presença ou ausência de um bibliotecário. Desde o início da expansão das escolas públicas, como aponta Hébrard (2009), os bibliotecários especializados foram interditados como medida de natureza estritamente econômica. A experiência francesa de 1860, malgrado ter sido desastrosa, continua a ser reproduzida tanto lá, como aqui. Apesar de haver o espaço e horários para o encontro entre professores e alunos em espaço diverso do da sala de aula, faltam, para os professores, livros, jornais, gibis e outros materiais. Os livros didáticos envelhecidos continuam a ocupar os espaços das estantes.

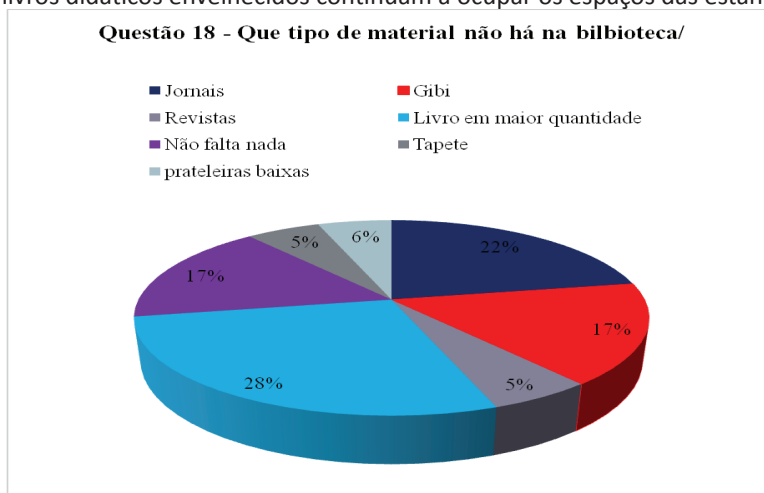


FIGURA 3. Falta de material na biblioteca

## Sobre salas de informática e dispositivos digitais

Assim como os livros, vinte computadores fixos, também ocupam uma sala, mas, diferentemente das bibliotecas, há ar condicionado e um técnico especializado em informática para fazer a preparação e orientação das atividades que são desenvolvidas por alunos e professores. O domínio das ações relacionadas aos softwares do programa *visual class* nas atividades com os computadores indica que as máquinas não são exploradas plenamente pelos docentes como ferramentas de desenvolvimento intelectual e profissional, mas não há nenhum reparo em relação às atividades do programa: 27% as consideram ótimas, e 73% as consideram boas.

O técnico recebe, conforme os questionários, diferentes nomes: 27% o consideram monitor; 20% como técnicos e 27% instrutores de informática, 20% como professores e 6% como estagiário, mas 20% não sabem realmente qual sua formação. Esse profissional não é, verdadeiramente, um professor, mas atua diretamente com as crianças para orientá-las quando usam os softwares ou jogos pedagógicos. Algumas observações podem ser feitas a respeito da presença de profissionais nos laboratórios de informática e a ausência deles nas bibliotecas. Apesar de a referência ser a pesquisa realizada em Marília, não é desconhecido o fato de que outras redes públicas, como a do Estado de São Paulo, não tenham nem técnico de informática, nem bibliotecário ou qualquer professor contratado especialmente para lidar com crianças e livros.

As máquinas fixas, os chamados computadores de mesa, exigiram para sua instalação um rigoroso aparato técnico e um especialista para deles cuidar, enquanto o velho objeto da cultura, o livro, mais resistente e menos exigente, permaneceu em locais, algumas vezes pouco arejados (mas não é o caso das escolas desta pesquisa), sozinhos, sem um mediador, além do professor, que os faça se encontrar os seus leitores. Mas esse mediador, um bibliotecário, também é o mesmo profissional que poderá orientar os alunos em suas andanças e experiências no mundo digital. As qualidades técnicas das máquinas fixas e as qualidades técnicas dos livros móveis têm determinado a sua importância para a formação dos alunos, mas esse maior cuidado com um e menor com outro tende, quero crer, a se alterar rapidamente, porque, tal como o livro, os dispositivos digitais móveis dessacralizaram os cuidados exagerados com os equipamentos: *notebooks* caminham com as mochilas, sob o sol, *tablets* são enfiados nos mais estranhos lugares e celulares disputam nas bolsas dos pequenos os espaços com lanches e potes de iogurtes. A rigidez, a sisudez e a inflexibilidade das salas dos computadores estão sendo abaladas pelos seus primos mais jovens, os dispositivos móveis, tão móveis quanto o velho livro, que gasto e engordurado, pode ocupar espaços nas bolsas, no sofá, na cama, na mesa da cozinha, ao lado, diante e sobre o monitor do computador. De caminhos separados desde o ponto de partida, livros e dispositivos digitais móveis, ou não, começam a se cruzar em espaços fundidos e ações conectadas. Mas parece faltar ainda, como apontam os dados, o mediador para todos eles, indistintamente, o profissional das ciências da informação, o especialista em livros, agora também, no universo das tecnologias.

## Em casa

Em respostas abertas, com mais de uma possibilidade, interessadas em captar os comportamentos relacionados ao uso dos computadores em casa, foi interessante constatar que 100% dos docentes afirmaram possuir pelo menos um computador; 21% usam predominantemente o aplicativo *Word* para digitar textos, 22% fazem pesquisas, 19% veem filmes no *Youtube*, 16% costumam baixar programas, outros 16% participam das redes sociais, e 6% o usam para jogar. Esses dados provocam outras perguntas, que não fazem parte dos interesses desta pesquisa. Quais seriam os temas pesquisados, quais são os textos digitados, quais são os filmes do *Youtube*, como participam das redes sociais e que tipos de jogos são seus preferidos? O aprofundamento dessas questões poderia revelar outros aspectos do comportamento docente no uso dos dispositivos tecnológicos e compará-los com as escolhas dos alunos, que como será possível verificar, costumam usar o computador e outros dispositivos para jogar.

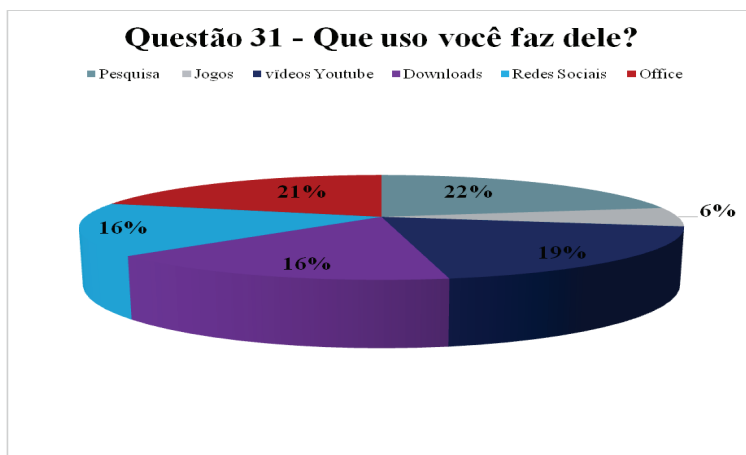


FIGURA 4. Uso de computador

Cuidadosos e ponderados, ao serem indagados sobre o tempo diário dedicado à máquina em casa, 47% disseram a usar de uma a duas horas, 33% de duas a quatro horas, 7% entre quatro e seis horas e 13% mais de seis horas. A porcentagem mais baixa, de mais de seis horas, coincide com a anterior dedicada ao jogo e às redes sociais, atividades que ocupam mais tempo dos usuários. Apenas 60% por cento dos professores possuem *notebook* e já o usaram na sala de aula; 33% possuem *tablets*, contra 67% que não o possuem. Em relação a lousas digitais, todos disseram já ter ouvido delas falar, mas apenas 60% disseram que saberiam utilizá-la.

Diante de uma pergunta que impossibilitava duas respostas, isto é, a de qual espaço, entre os dois estudados, considerar mais importante na escola, 67% escolheram a biblioteca, porque com ela, segundo afirmaram, formam-se leitores, mas 33% optaram pela sala de informática, porque por elas também os alunos poderiam ter acesso a livros.

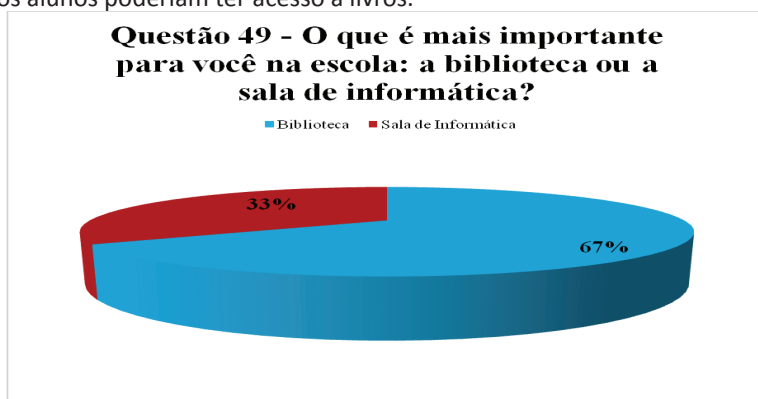


FIGURA 5. Salas de informática e bibliotecas: importância

Como há na escola, especificamente na sala de informática, computadores para uso de alunos, mesmo com tempo controlado, os professores promovem algumas atividades para explorar os recursos digitais, mas outros mantêm certa reserva em relação a isso. 13% deles não encaminham os alunos para as máquinas, porque somente poderiam fazer isso os que sabem escrever. Há, agora com o computador, a mesma prática que havia antes com o livro: o pressuposto de que uma criança somente poderia tomar um livro nas mãos se conhecesse a relação fonema/grafema, em vez de aprender, pelo livro, como a língua é operada nas relações humanas culturais e históricas. O teclado



e o mouse, portas de entrada para o computador e seus recursos, só podem ser usados pelos alunos, segundo alguns professores, se a mesma linha de pensamento do acesso ao livro fosse obedecida, isto é, se as crianças conhecessem a relação fonema/grafema, em vez de, do mesmo modo, aprender a língua, como instrumento poderoso de relações sociais, por meio do uso do teclado, do mouse, do *Word* e de todas as ferramentas existentes.

A língua na boca, nas mãos e, sobretudo na mente humana, transborda de sentidos em todos os suportes, quando utilizada pelo homem. O editor francês Hetzel, em 1891, (apud HÉBRARD, 2009, p. 73), interessado em vender livros, escrevia em prefácio de seu catálogo recomendações didáticas aos professores primários. Suas sugestões não se distanciam das que hoje ainda são dirigidas aos docentes brasileiros, como caminhos para ensinar a modalidade escrita de linguagem e o ato de ler, especialmente literatura infantil. Textualmente, sugeria Hetzel que o docente

inspirará o gosto pela leitura na própria escola, por meio de leituras em voz alta, bem escolhidas, habilmente suspensas, das quais ele mesmo se encarregará e que serão recompensadas. Em seguida, ele convidará os alunos a fazer empréstimos da biblioteca, indicará as leituras para casa; saberá graduá-las e diversificá-las segundo a idade, a capacidade, as necessidades, os lazes, as estações, os trabalhos no campo ou nas oficinas, os acontecimentos externos [...] Fará circular o livro que parece agradar; interrogará as crianças sobre suas leituras [...]; enfim, com convicção e paciência, constituirá um grupo regular de leitores que terão rapidamente esgotado seu catálogo. (HETZEL apud HÉBRARD, 2009, p. 73).

Curiosamente, a mesma situação é redimensionada por Bajard (2008, p. 43), ao comentar o descolamento do texto de seu suporte na era dos *chips*:

Revelado na tela, ele toma uma forma visual: nós o chamamos *texto gráfico*. Proferido pelo mediador [...] toma uma forma fônica: nós o chamamos *texto sonoro*. Esses dois conceitos nos permitem analisar com maior acuidade a sessão de mediação que coloca a criança em contato com as duas manifestações do texto. A criança não alfabetizada que domina o oral compreende espontaneamente o texto sonoro, porque todos os dois [mediador e criança] compartilham da mesma matéria linguística. De outra parte, para compreender o texto gráfico ela [a criança] deve seguir uma longa aprendizagem.

O editor do século XIX não recomendava apenas a leitura oral pelo professor, mas insistia em fazer circular o livro na escola e em casa, isto é, remetia o aluno para o texto gráfico, do mesmo modo como insistia Bajard em 2008.

E é por esse caminho e por tantos outros todos que a criança pode aprender a escrever e a ler. E não fora deles, exclusivamente pelo lápis, de ouvido atento para aprender a estabelecer relações entre letras e seus sons convencionais, como indicam 13% dos professores, somados aos 7% que acreditam que somente os maiores, os já alfabetizados, podem fazer isso, mais 7% que disseram não encontrar meios para oferecer essas oportunidades aos alunos. Juntos somam 27%. Mesmo assim, não basta usar a máquina como uma ferramenta para ensinar ortografia, como fazem outros 27%. Mas, por outro lado, 6% insistem em enviar alunos para que aprendam a mexer com a máquina e 7% já criam jornais.

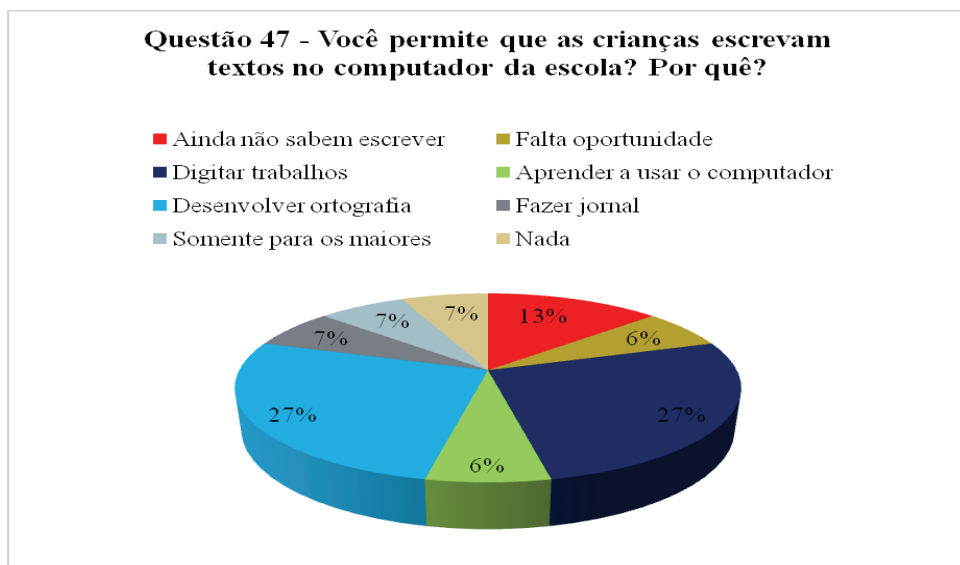


FIGURA 6. Uso de computador na escola

**Análises dos dados obtidos com alunos**

Entre os materiais retirados pelos alunos, 65% são livros, 22 % são gibis, 9% revistas, 4% mapas. As respostas à pergunta sobre como gostariam de usar preferencialmente o computador, caso tivessem total liberdade, foram variadas: 25% gostariam de jogar, 18% de acessar a internet, 13% de navegar pelo *Facebook*, 12% de pesquisar e também 12% de realizar as atividades dos softwares educativos, 7% gostariam de digitar alguma coisa, outros 7% de entrar no *Orkut* e 6% gostariam de *tuitar*.

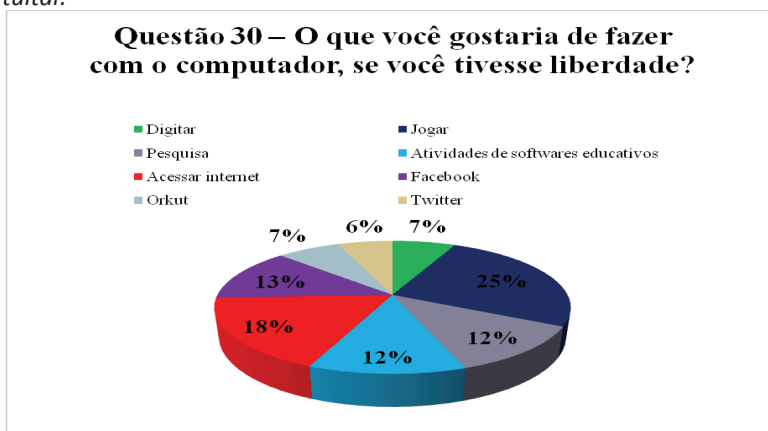


FIGURA 7. Liberdade no uso de computador

**Em casa**

Dos alunos entrevistados, 27% não têm computador em suas casas, mas 54% possuem os de mesa e 19% *notebooks*, mas 44% não os usam por alguma razão não explorada pelo questionário, contra 56% que os podem utilizar.

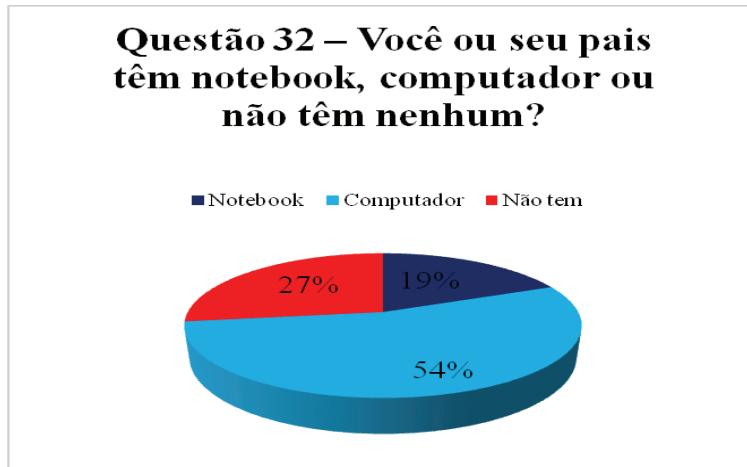


FIGURA 8. Computadores em casa

Como em casa há certa liberdade, o uso apresenta alta flexibilidade: 28% usam pra jogar, 18% pra ver filmes no *Youtube* e 18% pra fazer pesquisas; 14% entram no *Facebook*; 8% conversam pelo *MSN*; 8% no *Orkut*; 5% ainda se dedicam ao que consideram atividades educativas e 1% usa o computador para *tuitar*.

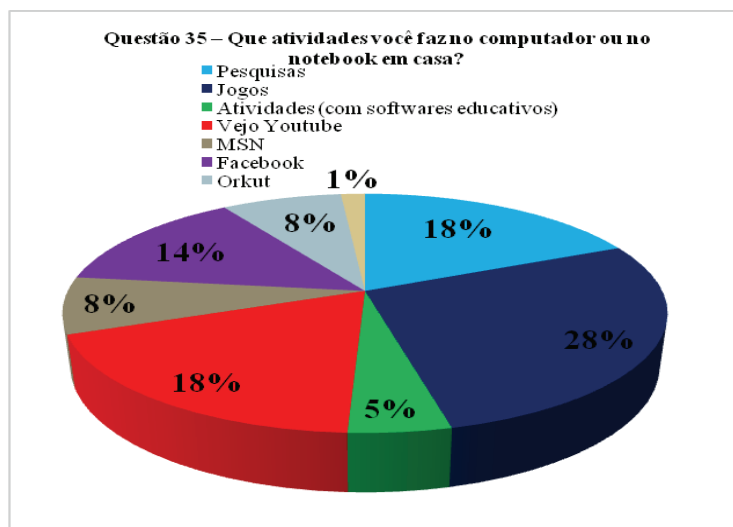


FIGURA 9. Uso de computadores em casa

Como os professores, os alunos também veem filmes (19% e 18%, respectivamente), jogam (6% e 28%) e participam das redes sociais (16% e 30%, distribuídos entre Facebook, MSN e Orkut).

Em casa, as crianças não permanecem muito tempo diante da máquina: 49% menos de uma hora, 33% entre uma e duas horas; 6% entre duas e quatro e 6% mais de quatro. Apenas 9% já imprimiram alguma coisa, contra 91% que jamais transformaram seus escritos virtuais em material impresso.

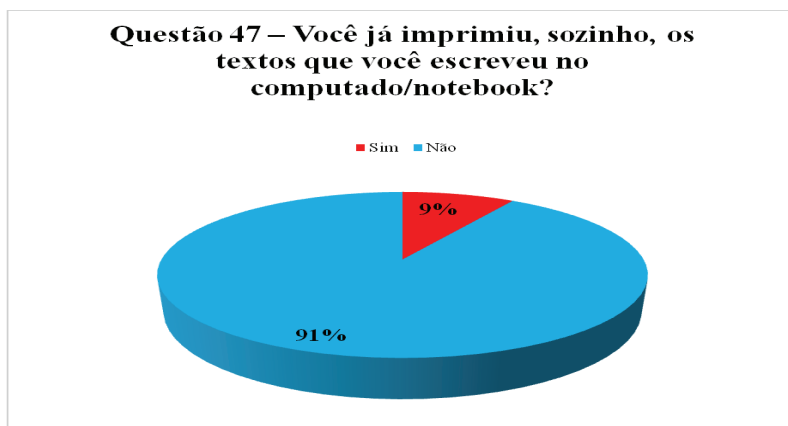


FIGURA 10. Experiência com impressão de textos

### Celulares e tablets

Há um expressivo número de alunos que possui celulares, apesar de serem crianças entre 5 e 10 anos, de escolas públicas localizadas em bairros basicamente compostos por casas populares. Entre eles, 58% possuem celular para uso próprio. Os que o possuem fazem uso de maneira também flexível. Predominantemente, 21% jogam, 20% ouvem música, 18% fotografam, 16% falam, 12% mandam mensagens, 11% filmam e 2%, incrivelmente, acessam a internet.

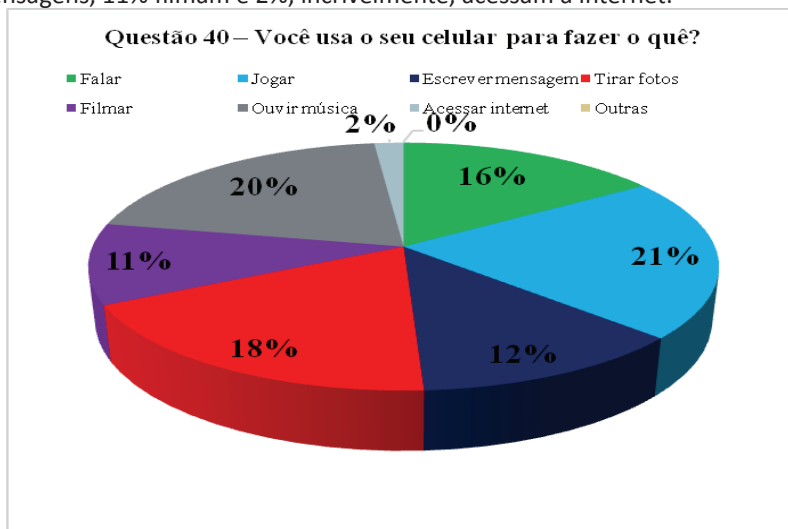


FIGURA 11. Uso de celulares

O aparelho celular, de acordo com os números, não foi feito para ser usado, pelas crianças, predominantemente como telefone; jogar, ouvir música, fotografar, filmar e acessar a internet são atividades que ocupam 62% de suas ações. Enviar mensagens e falar são ações que alcançam apenas 38%. Apenas 62% dos alunos ouviram falar em *tablet* ou *Ipad*, mas 16% disseram ter algum deles na família. Aparentemente, os celulares podem vencer os *tablets* no uso diário por sua flexibilidade e valor de compra, mas não por muito tempo. Os novos aparelhos poderão ocupar maior espaço se forem requeridos pela escola, como se fosse a mais recente versão da antiga lousa individual de ardósia utilizada pelas crianças em séculos passados.

## Questões abertas

Foram múltiplas as manifestações quando foram indagados sobre o modo de como gostariam de que fosse a organização da biblioteca. A maioria, 40%, por não ter outras bibliotecas como referência, disse que poderia continuar do mesmo modo, mas 16% querem outra organização, sem, contudo especificar quais mudanças poderiam ser implementadas. De outra parte, 18% sabem o que querem: mais livros e mais computadores, 7% gostariam de que nela não funcionasse sala de aula e outros 7% que o acesso fosse livre. 4% ainda a têm como lugar do silêncio, e apenas 2% sentem falta de uma pessoa que os atenda e os oriente. Esse índice de 2% indica que há profissionais que cuidam de bibliotecas, mas os especialistas recomendam conjuntamente acesso facilitado, biblioteca equipada e um mediador qualificado. Paiva (2009, p. 142) insiste que

A primeira garantia que se deve ter, portanto, é a de acesso, a possibilidade de o aluno/a criança poder olhar e manusear esse objeto, complementada - e não menos importante -; pela constituição de espaços literários (bibliotecas bem organizadas e equipadas com acervos atualizados e de qualidade) e pela qualificação do mediador dessa formação literária que, no espaço escolar, se define prioritariamente por bibliotecários, auxiliares de biblioteca e/ou professores.

Outros dados menores incluem a possibilidade de empréstimos mais frequentes e maior disponibilidade de mapas. Dados semelhantes se dão quando a questão aborda outras possibilidades de organização para as salas de informática: 49% dizem que deveriam continuar do mesmo modo, mas 22% solicitam acesso liberdade de acesso e 7% querem mais jogos. São surpreendentes os dados sobre os livros já lidos e que de algum modo provocaram algum impacto entre os alunos: 50% disseram não se lembrar do título; 9% lembram-se dos gibis do Mauricio de Souza e os 41% restantes são distribuídos entre vários títulos, entre eles, uma obra sobre dinossauros e uma das histórias dos três porquinhos, com 9% cada.

Para definir melhor as ações que fazem com o computador em casa, especificamente sobre os atos de escrever e de ler, duas questões diretas foram feitas, mas as respostas quase sempre incluíam ações de natureza mais ampla. Mesmo assim, alguns dados são notáveis: 71% não usam o computador pra escrever; 7% escrevem no MSN e outros 7% apenas escrevem os nomes dos jogos; 5% gostam de escrever seu próprio nome e os demais escrevem frases e recados no facebook.

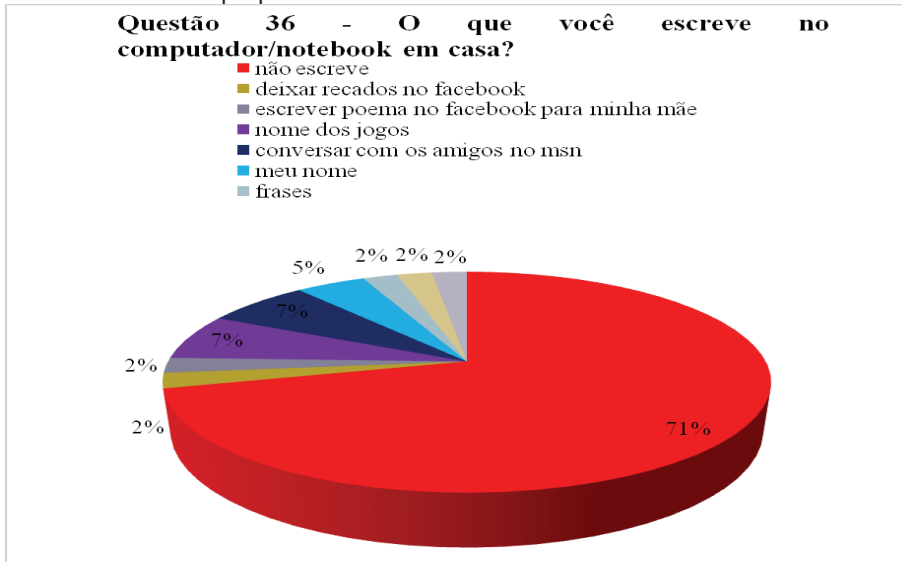


FIGURA 12. Usos dos computadores em casa

Apenas um aluno, de 9 anos, que corresponde a 2% do universo de respondentes, disse que usa o computador pra escrever poesias para sua mãe no *facebook*. Esse mesmo aluno declarou que lê os jornais *Folha de S. Paulo* e o *Estadão*. Textualmente, declarou que “com o computador aprendi a gostar de ler, eu descobri que dava pra pesquisar e um monte de coisas. Meu pai comprou um *notebook*. Aí eu escrevo o texto primeiro lá e depois eu passo para o caderno. Assim eu vejo onde estou errando”. Menino esperto: usa a indicação vermelha do *Word* para evitar as correções vermelhas na escola. Mas faz muito mais do que isso, certamente. Se tivesse liberdade pra usar o computador em casa, iria “escrever, ler o jornal, jogar, ver filmes no *youtube* e relacionar-se pelo *facebook*. Uma aluna de 6 anos disse que a biblioteca “poderia ter muito mais livros e computadores”. Em casa, apesar de haver computador, disse que não escreve, mas anda pelo *facebook*, mas que se pudesse, mandaria mensagens pelo *face* e veria vídeos pelo *youtube*.

Um indicador também impressionante se refere aos que não leem nada: 61%. Este dado inclui os que não usam computador, mas também pode revelar que o ato de ler pode ser compreendido como um ato vinculado a determinados gêneros, como contos, poesias, notícias. Entre esses gêneros, 9% leem instruções de jogos, 7% jornais, 5% *facebook*, 4% leem temas de pesquisas escolares e 4% textos, sem especificá-los. Outros, em menor proporção, leem gibis e contos de fadas.



FIGURA 13. Leitura na tela

Se tivessem um *notebook* exclusivo e absoluta liberdade, 46% disseram que o utilizariam para jogar; 35% para acessar a internet; 9% o dividiram com pais e irmãos e 3% iriam usá-lo para escrever; ouvir música e pintar são ações que estão entre as menores opções.

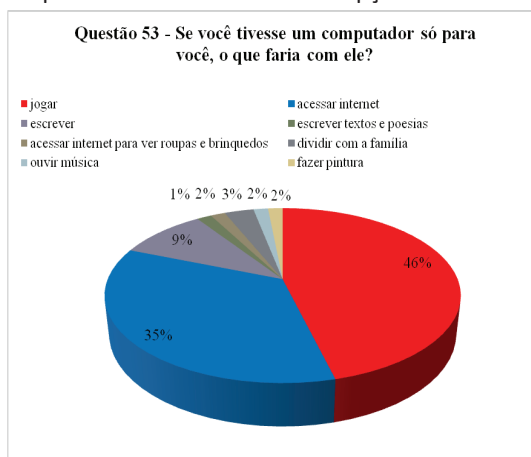


FIGURA 14. Possibilidades de uso de computadores com liberdade

## Conclusão

Os dados registrados por esta pesquisa, apesar de composta por um universo reduzido de sujeitos, mostram cenários nos quais eles se movimentam e, de certo modo, apontam outros nos quais se movimentarão no futuro não muito distante, quando se considera a relação de uma antiga, mas sempre revolucionária tecnologia, a língua oral e escrita. As duas modalidades rolam de um lado a outro, pela boca e pela mão do povo. A modalidade escrita enfia-se pelos *links* das telas, imprime sua marca sobre suportes fixos, e flutua pelos suportes móveis em dispositivos fixos e móveis. O homem aprende a usá-la, para escrever e ler, desde pequeno, pelos mais variados suportes, e com eles contribui para a sua recriação.

Na escola, os livros, as histórias em quadrinhos, e todas as lendas e todas as fábulas e todas as histórias oferecem aos pequenos a cultura humana de todos os tempos. Essas mesmas histórias se metem atualmente em outras mídias, mas não perdem, em todas elas, a relação sempre estável com *drives* articulados de leitura: os olhos e a mente humana. As mídias envelhecem, perdem *drives* de leitura, mas os olhos e a mente continuam a ler a mesma mídia: a língua escrita fertilizada pela cultura humana. Na escola, livros e computadores podem conviver no mesmo espaço escolar, operados pelos mesmos homens que se encontram para ensinar e para aprender: os alunos, os professores e os bibliotecários escolares, que integram com suas ações, todas as mídias.

Há um cenário pouco iluminado para os professores: os computadores são utilizados para jogar e para acessar sites de relacionamento. Os celulares também são usados para jogar. O embate atual e nos próximos anos, se é que se pode chamar de embate o desejo de legar a cultura às gerações humanas, é o de oferecer na escola as demais possibilidades de uso dos dispositivos digitais, entre elas as de explorar as potencialidades da língua escrita. Se em casa, os jogos ocupam todo o cenário, na escola, os livros e os computadores, nos espaços de uma biblioteca redesenhada, alegre, sem silêncios, podem oferecer mais do que o lazer rápido e competitivo dos jogos. Podem oferecer ao homem a possibilidade de usar os instrumentos de que dispõe para pensar, para compreender e transformar o mundo.

Os *tablets* ainda estão fora do cenário em 2012 nas escolas públicas e do cenário das casas dos professores e das casas dos alunos. São dispositivos multifuncionais, que como os celulares, serão transportados nos bolsos, nas bolsas, disputando espaços com cadernos e livros. Como afirma Bajard (2008, p. 43, tradução nossa), “os textos atualmente são estocados não somente nas estantes de bibliotecas, mas cada vez mais nas memórias dos computadores”. A esperança é que livros e *tablets* não se estranhem, mas que se encontrem sempre nas relações humanas que se dão nas bibliotecas e nas salas de aula, umas tão vivas quanto às outras, com conversas, toques, risos, alegria, cadeiras, tapetes ou mesmo no chão. Se o jogo fecha o olhar competitivo da criança em direção à máquina, a literatura pode abri-lo para o viver solidário da vida. Esse é o embate.

## REFERÊNCIAS

- BAJARD, E. Au Brésil, l' entrée dans le monde lettré. Les actes de lecture. n. 62. Jun. 2008. p. 42-47.
- HÉBRARD, J. As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- PAIVA, A. A trama do acervo: a literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Biblioteca na Escola. In: SOUZA, R. J. de. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 137-155.

Recebido em setembro de 2012.  
Aprovado em Janeiro de 2013.

